

Ensino de língua no contexto plurilíngue: caso Guiné-Bissau, uma abordagem para aprender a língua portuguesa

Language teaching in the plurilingual context: the case of Guinea-Bissau, an approach to learning Portuguese

David Ié

Mestre em Letras pela Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Orcid: <https://orcid.org/my-orcid?orcid=0000-0003-3443-2322>

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0446435637224327>

E-mail: david1@upfr.br; david94nina@gmail.com

Resumo

O presente artigo apresenta algumas metodologias eficazes e que estão em discussão para o ensino da língua portuguesa no contexto plurilíngue da Guiné-Bissau. Dessa maneira, consideramos a limitação do professor em relação a certos conteúdos no ensino da língua portuguesa, conteúdos que aparecem como dificuldades para o professor transmitir, bem como para os alunos compreenderem. Assim, analisamos alguns textos que abordam o ensino, e indicam como construir uma aula interativa de língua portuguesa nesse contexto plurilíngue da Guiné-Bissau. Ou seja, é uma tentativa de romper os obstáculos com os quais os alunos se deparam durante as aulas de português. Para tal ideia, a nossa análise se baseou nos pressupostos teóricos propostos por Antunes (2003), Schoffen [et al] (2012), Barbosa; Bizarro (2011), Pinto; Carvalho (2018), Cá; Rúbio (2019) e outros autores que abordam a análise do ensino da língua portuguesa. Por meio das leituras, refletimos sobre causas que carecem o sistema do ensino de português, a formação dos professores/as, e também a busca por melhorias da política do ensino no contexto plurilíngue guineense, e outras possíveis metodologias relevantes no ensino. Entretanto, o objetivo deste artigo é pensar nos possíveis métodos do ensino de português no contexto educacional e plurilíngue da Guiné-Bissau, no sentido de auxiliar no desenvolvimento do sistema de ensino no país. Portanto, o artigo conclui que, juntamente com toda interferência de instabilidades políticas que abalam o país, principalmente no setor educativo / público, é visível o fracasso na educação e na formação dos professores da língua portuguesa, uma vez que observa-se muitas dificuldades na preparação das aulas devido à falta de uso e do desconhecimento de várias metodologias do ensino do português voltado à realidade ou contexto da Guiné-Bissau. Afirmamos também a possibilidade de um ensino melhor da língua portuguesa, isto é, caso a atenção esteja voltada para a realidade local e ao mesmo tempo para os conceitos de um livro didático que vão espelhar a realidade do país. Entretanto, isso significa considerar os aspectos culturais guineenses no ensino de português na Guiné-Bissau. Palavras-chave: Ensino. Português. Plurilinguismo. Guiné-Bissau.

Abstract

This article presents some effective methodologies that are under discussion for teaching the Portuguese language in the multilingual context of Guinea-Bissau. In this way, we consider the teacher's limitation in relation to certain contents in the teaching of the Portuguese language, contents that appear as difficulties for the teacher to transmit, as well as for the students to understand. Thus, we analyze some texts that approach teaching, and indicate how to build an interactive Portuguese language class in this plurilingual context of Guinea-Bissau. In other words, it is an attempt to break the obstacles that students face during Portuguese classes. For this idea, our analysis was based on the theoretical assumptions proposed by Antunes (2003), Schoffen [et al] (2012), Barbosa; Bizarro (2011), Pinto; Carvalho (2018), Here; Rúbio (2019) and other authors who approach the analysis of Portuguese language teaching. Through the readings, we reflect on causes that the Portuguese teaching system lacks, the training of teachers, as well as the search for improvements in the teaching policy in the Guinean multilingual context, and other possible relevant methodologies in teaching. However, the objective of this article is to think about the possible methods of teaching Portuguese in the educational and plurilingual context of Guinea-Bissau, in order to assist in the development of the education system in the country. Therefore, the article concludes that, along with all the interference of political instabilities that shake the country, mainly in the educational / public sector, the failure in the education and training of teachers of the Portuguese language is visible, since there are many difficulties in the preparation of classes due to the lack of use and lack of knowledge of various methodologies of teaching Portuguese aimed

IÉ, David. Ensino de língua no contexto plurilíngue: caso Guiné-Bissau, uma abordagem para aprender a língua portuguesa. **Caderno de Ensino, Linguagens e suas Tecnologias**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, p. 167-177, jul./dez. 2022.

at the reality or context of Guinea-Bissau. We also affirm the possibility of a better teaching of the Portuguese language, that is, if attention is focused on the local reality and at the same time on the concepts of a textbook that will mirror the reality of the country. However, this means considering Guinean cultural aspects in the teaching of Portuguese in Guinea-Bissau.

Keywords: Teaching. Portuguese. Plurilingualism. Guinea Bissau.

Data de submissão: 16/05/2022 | Data de aprovação: 26/09/2022

1 Introdução

Este trabalho visa trazer melhorias no processo de ensino/aprendizagem do português, no contexto plurilíngue da Guiné-Bissau. O país é da colônia portuguesa situado na costa ocidental africana, uma diversidade de línguas provenientes de diferentes grupos étnicos do país se configuram no território nacional. Conforme aponta Luigi Scantamburlo (2013) e Augel (2007, p. 76) “apesar da pequena extensão do território, ali vivem dezenas de grupos e subgrupos étnicos muito heterogêneos, com suas culturas próprias”, suas próprias línguas étnicas e práticas locais se diferenciam uma das outras. Isso significa que cada um desses grupos fala a sua língua étnica, além da língua guineense considerada como a língua nacional no sentido de estabelecer melhor a comunicação de grupos étnicos distintos e da unidade desses povos.

Nesse contexto, a língua portuguesa é adotada no setor do ensino como a única para assumir esse papel, devido às suas condições apresentadas para tal. Basicamente, a escolha da língua portuguesa é uma questão política desde a primeira fase da independência do país. Sendo assim, a língua portuguesa ganhou esse privilégio no meio das outras que compõem o quadro linguístico do país, porém, muito embora não seja a mais usada e nem dominante, devido às barreiras do seu ensino há muito tempo. Vale ressaltar que a atual situação política que o país vive, acaba abalando negativamente o setor do ensino/aprendizagem, no qual o português está e não alcança resultados e a eficácia da aprendizagem dos alunos. E a outra razão, é a dificuldade de métodos, formas de planejar aulas ou conteúdos deste caráter por parte de certos professores de muitas escolas do país nesse contexto plurilíngue. Então, uma vez que todas essas dificuldades narradas são obstáculos para os avanços no ensino nesse ambiente plurilíngue, o sistema educacional precisa de qualidade tanto de profissionais como em métodos para o ensino da língua portuguesa.

Dessa forma, seria necessário pensar eminentemente em aperfeiçoamento e melhorias do setor do ensino/aprendizagem na Guiné-Bissau. Por isso, é fundamental repensar a forma do ensino/aprendizagem no país, investindo na perspectiva interativa, intercultural e em abordagens mais apropriadas no processo de ensino de português, sem esquecer de relacioná-la com a realidade social guineense.

2 O contexto do ensino da Língua Portuguesa na Guiné-Bissau

Nós realizamos algumas análises, nas quais percebemos que a questão da linguagem é um assunto de muita discussão nas nossas sociedades, uma vez que as pessoas mantêm suas relações e interações por meio de uma língua. A linguagem é utilizada na realização de ações em ocasiões comunicativas, nas quais os usuários agem juntos num espaço da

comunicação. Ora, conforme a padronização da língua, há muitos critérios (regras) que regulam seu uso nas vertentes da comunicação, de acordo com a perspectiva estruturalista da língua. Mas também vale ressaltar que a comunicação não é válida somente quando a linguagem encontra todos seus mecanismos de padronização, apesar de que suas regras são importantes, e consideráveis na comunicação. No entanto, o aspecto social da língua portuguesa é de extrema importância e há um número considerável de pessoas querendo ser fluentes nela para realizar diferentes atividades diárias na Guiné-Bissau.

Como podemos perceber, o cenário da língua portuguesa no mundo, especialmente em Comunidades dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) e Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) é muito significativo. O português é língua oficial na Angola, Brasil, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, Portugal, Timor-Leste, São Tomé e Príncipe. E por último, a Guiné Equatorial que fez parte deste cenário linguístico, mesmo assim continua sendo objeto de interesse de estudo por muitas pessoas. De acordo com a descrição de Gisele Matos Oliveira (2016) cerca de 267,88 milhões faziam parte da comunidade lusófona em 2015, e isso significa que até esse momento o número de falantes de português vem aumentando, assim como na Guiné-Bissau, apesar das dificuldades presentes no setor do ensino. Até então há um número muito significativo dos seus falantes que ainda não são fluentes na língua portuguesa, o que acontece em países específicos como é o caso de Moçambique, Timor-Leste e Guiné-Bissau (CÓ, 2021).

Vale refletir sobre o que realmente causa essas dificuldades na Guiné-Bissau, para os falantes da língua portuguesa. De acordo com a narrativa de Filomena Embalo e Hildo H. Couto (2010) a língua portuguesa consta como segunda ou até a terceira língua de um grande número de povo guineense, o que indica que a língua guineense (a mais falada) ganha cada vez mais números de falantes e depois as línguas étnicas. Muitas vezes, os guineenses têm contato com a língua portuguesa nos primeiros anos da escolarização, ou seja, somente no ambiente escolar, e no tempo restante, utilizam a língua guineense e demais línguas étnicas. Vivenciei essa realidade, eu tinha bastante dificuldade de compreender o português, porque falava mais a minha língua étnica e com o tempo fui aprendendo o guineense. Portanto, essa narrativa demonstra uma distância de familiarização da sociedade guineense com a língua portuguesa, por falta de seu uso de não dominar o espaço social do país, e assim como a sua forma de ensino.

No trabalho de Imelson N. Cá e Fabio C. Rúbio (2019), os autores investigam o perfil linguístico dos estudantes guineenses que estudavam na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). De 50 participantes, 52% têm a língua guineense como L1, 46% corresponde aos falantes das línguas étnicas: 2% trata de wolof, uma língua que faz parte de Senegal, país que compartilha a mesma fronteira (CÓ, 2021). De todos eles, não houve participantes que manifestaram a língua portuguesa como a sua primeira língua. Ou seja, o primeiro contato com o português acontece quando a pessoa inicia a educação escolar, na qual a língua portuguesa é a única que assume o papel do ensino, conforme as diretrizes de lei de base do país (2010).

Ainda, no trabalho do Cá e Rúbio (2019) aconteceu a observação de dez aulas de

português, os autores verificaram a abordagem da gramática como predominância da aula de português, indicando que, o ensino da gramática na aula de português é sinônimo de aprender a falar o português na Guiné-Bissau. Pois nessa abordagem gramatical, se focaliza mais as nomenclaturas e descrição dos elementos gramaticais, um sistema de ensino totalmente solto, como podemos destacar nas falas das autoras (SCHOFFEN *et al* 2012, p. 18) “dessa forma, não é possível o uso da linguagem como algo isolado do seu contexto de produção e dos participantes nele envolvidos”. Conforme Irandé Antunes (2007) no seu trabalho “Muito além da gramática” a autora descreveu o seguinte:

Se língua e gramática não se equivalem, saber gramática não é suficiente para uma atuação verbal eficaz. De fato, um dos maiores equívocos consiste em se acreditar que o conhecimento da gramática é suficiente para se conseguir ler e escrever com sucesso os mais diferentes gêneros de texto, conforme as exigências da escrita formal e socialmente prestigiada. (p. 53).

Tudo isso indica que a gramática no ensino da língua portuguesa é relevante, mas não significa que é a única possibilidade para aprender a falar e escrever o português corretamente. Compreender e elaborar um texto, um artigo ou um relatório exige mais que saber uma gramática, pois são outros tipos de gêneros acadêmicos que precisam ser explorados.

Entretanto, seria melhor que a gramática não continuasse a ser olhada como foco para o ensino da língua portuguesa, porque o sistema do ensino do português com caráter gramatical e com o ensino de nomenclatura, não interessa na perspectiva dos estudantes guineenses. É óbvio que todos pretendem uma aula de português com muita interação, na qual todos possam ser falantes fluentes e não uma aula só para decorar os conteúdos que estão sendo abordados.

Também, é notado que o livro didático guineense não espelha o contexto da realidade social do país, mesmo contém alguns dos seus materiais produzidos no país e como fora, caso de o *Periquito Beta* e *Periquito Caderno de Caligrafia*, e, *Nélio e os amigos*, da terceira classe. Esses livros não trazem uma discussão interativa entre o aluno e seu professor, conforme Cá e Rúbio (2019) afirmaram nas suas pesquisas que o livro didático guineense não expõe os alunos às realidades das suas vivências e centraliza em considerar a gramática normativa como o principal no ensino que ainda é fora do contexto do país.

De acordo com a Irandé Antunes (2003) na sua perspectiva *Aula de português: encontro e interação*, a autora explica que, na aula de português não devia permanecer o ensino de um único sistema tradicional, pois há várias outras ferramentas que podem ser exploradas para efetivar uma aula de português com muita interação. Isso mostra a relevância dos aspectos linguísticos que poderiam contemplar o verdadeiro sentido da aula de português. A dissertação de Virgínia Batista Cá (2015) traz uma contradição de como é o ensino na Guiné-Bissau em relação à fala de Antunes (2003). Cá (2015) explica que, o ensino de português não está voltado ao contexto em que os alunos vivem, por conta disso, afirmou que essa fragilidade do ensino no país pode se relacionar com esse contexto do ensino desagradável da língua portuguesa, devido a ausência do contexto multicultural e

multilíngue afastados do ensino de português. Esse ensino descontextualizado é um obstáculo para os alunos, com relação à aprendizagem da língua portuguesa, de maneira que a língua é ensinada na perspectiva e visão europeia, o que torna muito difícil os alunos vivenciarem suas relações culturais.

E esta relação cultural é fundamental no estudo da língua, conforme afirma Marcos Bagno (2011) em *“Novela sociolinguística”*. O autor explicou como os elementos culturais influenciam no falar de uma língua. Eulália foi alfabetizada durante o tempo em que esteve na casa da senhora Irene, além da língua, Eulália não deixou sua marca cultural. Isso deixava a professora Irene revoltada, porque queria que Eulália deixasse os seus elementos culturais e passasse a usar os dela. Uma relação desse caráter é o que se configura no ensino da língua portuguesa na Guiné-Bissau, quando os elementos culturais de Guiné-Bissau não estão presentes no ensino, surgem dificuldades na aprendizagem. Como é percebido, muitas das vezes há anseio por falar o português como os nativos da língua, rejeitando a variedade local guineense.

Maimuna Sambu (2017), na dissertação *“Ensino do português como língua segunda e estrangeira”*, analisa o procedimento usado para ensinar a língua portuguesa no manual **Periquito Beta**, do 1º ano do ensino fundamental. A autora concluiu que o manual verificado não atinge o objetivo de como deve ser o ensino de português como segunda língua para os guineenses. E assim, proporcionou algumas sugestões e estratégias que podem ser adequadas para serem utilizadas, pois essas permitiriam intercalar algumas barreiras ou melhorar os métodos para tal finalidade do português.

Por outro lado, Couto e Embalo (2010) explicaram sobre a confusão que muitos fazem acerca dos países que falam o português, pensam que falam o português do mesmo jeito ou no mesmo nível de Portugal e do Brasil, um grande equívoco. Pois, nesses países africanos, principalmente com relação ao que acontece na Guiné-Bissau, os 13% dos falantes de português não representam um número muito elevado quando se compara com o número da população e ainda tendo o português como língua oficial. Há predominância da língua guineense e línguas das outras etnias, o que nos leva a pensar que ainda estão faltando alguns métodos eficazes para o ensino de português nesse contexto. Sobre isso, Rachido Djau (2015) explicou que o contexto em que os guineenses vivem não se aproxima da língua portuguesa e ela é vista como estrangeira, a segunda e em alguns casos até a quarta língua dos guineenses. O que demonstra claramente uma política linguística de falta de interesse, o autor ainda descreve que esse distanciamento com a sociedade pode ser encontrado também na educação, no ensino/aprendizagem.

Até aqui, nós já conseguimos espelhar um pouco da realidade da língua portuguesa na Guiné-Bissau, possivelmente essa realidade não se compactua com a expectativa do sistema ensino guineense. Seria interessante que houvesse a ampliação de métodos apropriados para ensinar o português por meio do guineense. Pretendemos explicar essa possibilidade na seção adiante.

3 Possíveis métodos para o ensino de português na Guiné-Bissau

O próprio conceito do ensino de qualquer que seja a língua, remete muitas interações entre o professor e alunos, que exige aos docentes levá-lo em consideração dos seus alunos sem esquecer da língua do uso para essa interação. Entretanto, a língua adotada para o ensino não deve ser algo difícil para os alunos, uma vez que eles precisam sentir-se representados/as ao usá-la e não ver o professor como único detentor do saber da língua. Com relação ao ensino da língua portuguesa na Guiné-Bissau, nós já percebemos que há muitos obstáculos e muitas das vezes não é por falta de vontade dos professores/as, pois a formação deles como docentes também interfere nesse fracasso. O que acontece é que os elementos culturais da língua são excluídos desse cenário de ensino, conforme a reflexão nas falas de Schoffen *et al* (2012) “uma proposta para o ensino do português como adicional exige uma didática do ensino que inclua os elementos culturais e linguísticos”. Com relação a essa didática, quando o aluno já sabe da sua cultura linguística local torna-se flexível em compreender os elementos culturais portugueses, assim a língua portuguesa não seria um obstáculo para ele. Portanto, é essencial que os professores/as incorporem a cultura linguística guineense no processo de ensino/aprendizagem de português para os alunos.

A compreensão da cultura requer sempre o uso da linguagem por conta de gêneros discursivos que fazem parte da nossa comunicação, a todo tempo. Por isso, ao aprender qualquer língua, ou seja, a língua portuguesa nesse contexto guineense, seria interessante a inclusão dos gêneros discursivos no sentido de mostrar diferentes abordagens interativas na comunicação. Dessa forma, Schoffen *et al* (2012, p. 23) considera que o “ensino de línguas proponha a trabalhar a língua por meio de diferentes gêneros de discurso em que se realiza” pois, os gêneros são entendidos como conjuntos de vários textos com as mesmas funções de estruturar o diálogo dentro de um espaço de determinado ambiente humano. Entretanto, a inclusão desses gêneros no ensino de português na Guiné-Bissau contribuiria para proporcionar a competência comunicativa dos alunos na língua portuguesa.

Para tal ideia de ensino de gêneros, Mikhail Bakhtin (2003) ao reforçar o uso da linguagem em diferentes contextos humanos, entende que os gêneros são fundamentais para o estudo da língua, são os elementos que permitem a interação na língua. Vale ressaltar que o ensino dos gêneros serve como instrumento de interação verbal entre os falantes. Ainda o autor define essa diferente perspectiva de gêneros no ensino da língua como:

O conteúdo temático, o estilo e a construção composicional estão indissociavelmente ligados no todo de enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros de discurso (BAKHTIN, 2003, p. 262).

A partir dessa definição de Bakhtin, somos levados a compreender que os recursos de estudo linguístico e da organização do texto não são realmente usados de forma aleatória, mas sim, são usados pelas condições em que são produzidos em cada espaço da utilização da língua. Portanto, eles criam possibilidades de usos em vários campos e ambientes de interação. Por conta disso, esses recursos são entendidos como um desafio para o professor. António Nóvoa (2017) defende a necessidade de que a ação didática seja voltada para a aprendizagem, usando diferentes recursos para alcançar o objetivo da aula de português. De acordo com o autor, para que haja o aprendizado é necessário que o aluno seja levado a interagir com o objeto de conhecimento, mesmo que seja indiretamente. No nosso estudo, o objeto de interesse do aluno seria a língua portuguesa, ou seja, ser falante dela. Por isso, seria interessante trabalhar a abordagem comunicativa com os alunos, o que ajudaria na competência deles e aliviaria o professor a ser o único a falar durante a aula. Pois, nessa abordagem comunicativa, Sambu (2017) descreve o seguinte:

A abordagem comunicativa considera, por um lado, o interesse pelo desenvolvimento da competência comunicativa na língua alvo. Como características, o método comunicativo tem foco no sentido, no significado; valoriza a importância do meio e da interação entre sujeitos na aprendizagem de uma nova língua. Por outro lado, a abordagem comunicativa defende a aprendizagem centrada no aluno, tanto em termos de conteúdos como de técnicas usadas em sala de aula. Além de os conteúdos serem baseados nas necessidades e nos interesses do aluno, o professor deixa de exercer o seu papel de autoridade, de distribuidor de conhecimentos, para assumir o papel de orientador, de mediador entre o aluno e o conhecimento (SAMBU, 2017, p. 28).

Aparecida R. B. Sellan (2012) apresenta uma ideia semelhante de como pode ser o ensino da língua portuguesa como segunda língua. A autora pressupõe que o ensino/aprendizagem seja além da sala de aula e aponta a possibilidade de aula de visitas, onde os alunos possam desfrutar do local visitado, daí com certeza terão várias reações, por exemplo de maneira oral/escrita, e muitas aprendizagens. Por conta disso, a autora descreve o seguinte:

(...) o ensino-aprendizagem de uma nova língua não deve estar circunscrito apenas ao desenvolvimento de conhecimentos sobre o sistema da língua alvo, mas deve focalizar outros conhecimentos relacionados também à aquisição da oralidade e escrita, aos atos de fala, às condições de produção discursiva, à organização textual, aos usos de argumentos, à seleção e emprego lexicais e às visões sócio-histórico-culturais. (SELLAN, 2012, p. 28).

Para nós guineenses, fica claro que o ensino de língua portuguesa é mais pautado no ensino da gramática normativa de forma solta e de seus elementos constituintes, e o objetivo é que ao saber a gramática condicionaria o sujeito a saber a língua portuguesa. Mas este ensino não é suficiente para tal, assim, a autora indicou outros elementos que podem interferir positivamente no ensino de língua. Ou seja, os conteúdos devem ser abordados a partir dos gêneros textuais reais, por exemplo, no contexto guineense pode-se utilizar os gêneros textuais locais: os provérbios guineenses, os mitos, as lendas, as fábulas e os contos

populares. (CÓ, 2021, p. 87).

Em outro ponto de vista, Luhema. S. Ueti (2012) explica como deve ser o ensino de língua portuguesa. Para ele, o ensino deve partir de uma didática muito flexível e refletir as características dos próprios alunos. Nessa ocasião a autora defende a introdução de gêneros discursivos que se configuram em (texto narrativo, texto dissertativo-argumentativo, texto exposição, texto injunção, texto descritivo e prescritivo etc.). Esses são muitos significativos no ato da aprendizagem da língua portuguesa, principalmente para aqueles indivíduos que não têm o português como a língua nativa. Também proporcionam as diferentes atividades nos âmbitos sociais em que a língua portuguesa esteja presente como a língua mediadora da comunicação.

Por sua vez, Wilson J. Leffa (2016) afirmou que os métodos para o ensino da língua portuguesa facilitariam muito o processo, pois esses métodos e seus usos dependem do professor/a aplicar as metodologias. O autor ainda destacou a relevância de trabalhar a leitura com os alunos, isto é, a prática da leitura permite saber a pronúncia de palavras e fortalece a oralidade. Também sem esquecer de levar em consideração a escrita que é significativa para aprendizagem de uma língua, com ela pode-se contar com a ortografia e produção dos textos, fazer a interação de todos os textos escritos pelos alunos. Ou pode proporcionar um trabalho escrito, na qual os alunos podem contar suas histórias ou narrar histórias contadas por outras pessoas, em seguida o professor verifica a produção textual e aplica notas conforme o desenvolvimento do aluno. Com relação a isso, Antunes (2003) descreveu a importância das atividades na aula de português, em que aquelas atividades aplicadas seriam de “ampliação da competência comunicativa do aluno para falar, ouvir, ler, escrever textos fluentes, adequados e socialmente relevantes” (p. 122). Assim, contribui para uma aula de português muito interativa.

Almeida Filho (1998) deu uma recomendação ao professor do ensino de línguas, de acordo com ele, seria importante que esse professor fosse ciente da abordagem que iria tratar com seus alunos, isto é, dominar o assunto, saber planejar as suas aulas de línguas e ter convicção naquilo que seria transmitido aos alunos com o objetivo de levar ao alunos a diferentes formas de aprender a língua desejada. Por isso, vale a pena ressaltar que a escola de formação dos professores de língua portuguesa deve ampliar as suas metodologias de formação e exigir que os professores pensem as suas aulas de língua portuguesa como aulas de interação entre professores e alunos. Com isso e demais outras formas de ensino, as melhorias no ensino da língua portuguesa, na Guiné-Bissau, poderiam atingir os objetivos de um ensino eficaz para seus alunos.

4 Conclusão

O presente artigo que busca uma boa qualidade do ensino da língua portuguesa na Guiné-Bissau, trouxe muitas abordagens que revelam a decadência do sistema de ensino desde muito tempo. Porém, houve também a apresentação de possíveis métodos ou abordagens que o artigo indica como elementos que possam proporcionar um avanço do

ensino de português no país. Sendo assim, nessa ideia de possível solução, apontamos a importância do material didático. Na fala de Rocha *et al* (2015) a política de ensino de línguas, na qual o manual didático contribui na criação do ambiente, deve ser de construção de conhecimento numa sala de aula. Isso indica que, a elaboração de manual didático tem que espelhar a sociedade que se pretende atingir, pois, assim chamaria a atenção dos participantes no processo do ensino. Também vale repensar o ensino do português nas perspectivas da sua própria comunidade, levar os aspectos sociais vividos pelo aluno no ensino da língua portuguesa. Segundo Có (2021), para ensinar o português para os guineenses deve ser focalizada a prática cultural, devido ao próprio contexto pluriétnico do país, pois essa marca de heterogeneidade deve ser levada em consideração para quem realmente deseja ensinar a língua portuguesa.

Portanto, levando em conta o contexto social de muitas dificuldades que o país enfrenta e sua interferência na educação, chegamos à seguinte conclusão: Na Guiné-Bissau, o sistema do ensino da língua portuguesa não devia continuar pautado na sua forma tradicional e nem focar na gramática normativa como única solução de ensino da língua portuguesa. É óbvio que ela é interessante no estudo da língua, pois, o ensino de português deve trabalhar uma abordagem interativa, comunicativa e que envolva a oralidade etc. Ainda a inclusão de gêneros textuais, nessa perspectiva, contribui para uma aula de português muito eficaz na Guiné-Bissau. Portanto, o professor de português deve envolver o aluno na metodologia em que o tornaria falante da língua desejada, nesse caso o português. Assim os demais elementos (métodos) ajudariam a melhorar o ensino/aprendizagem da língua portuguesa.

Referências

- A Abordagem Orientadora da Ação do Professor: In Almeida Filho, J.C.P. (Org.). **Parâmetros Atuais Para o Ensino de Português como Língua Estrangeira**. Campinas: Pontes,1998.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de português e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, (série-aula-1), 2003.
- ANTUNES. Irandé. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- AUGEL, Moema Parente. **O desafio do escombro: nação identidade e pós colonialismo naliteratura da Guiné-Bissau**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**. 17 ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins, Fontes, 2003.

BARBOSA, G. M; Bizarro. R. **Educação para todos na Guiné-Bissau: que princípios metodológicos-didáticos para aula de português?** 2011. Disponível em <https://repositorio.iscteul.pt/bitstream/10071/2996/1/borbosa-bizarro>, COOPEDUL 2.8.pdf. acesso 22/02/2022.

CÁ, I. N.; RUBIO, C. F. O perfil dos estudantes e a realidade do ensino de língua portuguesa na Guiné-Bissau. **Trabalho em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, 2019, n. 58.1, p. 389-421, abr.2019.

CÁ, Virgínia. João. Batista. **Língua e ensino em contexto de diversidade linguística e cultural: o caso de Guiné-Bissau**. 2015. 176. Dissertação (Mestrado em Educação: Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

CO, Vaz Pinto. **A manifestação do olhar exotópico na escrita acadêmica dos estudantes guineenses falante do português como língua adicional (PLA) na Unilab**. nº 241. Dissertação do Mestrado em Linguística Aplicada. Programa de Pós-Graduação em LA, Universidade Estadual de Ceará, Fortaleza.

COUTO, Hildo Honório; EMBALÓ, Filomena. Literatura, Língua e Cultura na Guiné-Bissau: Umpaís de CPLP. **Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares**, n. 20. Brasília, 2010. p. 256.

DJAU, Rachido. **Situação sociolinguística, cultural e étnica na Guiné-Bissau e sua implicação**, 2015.

LEFFA, Vilson J. **Língua estrangeira: ensino e aprendizagem**. Pelotas: Educat, 2016. Disponível em: https://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/lingua_estrangeira_leffa.pdf. Acesso em 15/02/2022.

LEI DE BASES DO SISTEMA EDUCATIVO. Ministério da Educação Nacional, Cultura, Ciência, Juventude e dos Desportos 2010. Disponível em: <https://fecong.org/pdf/crianca/LeiBasesSistemaEducativo.pdf>. Acesso em 26/02/2022.

NÓVOA. António. **Desafio de trabalho de professor**. 2017. Disponível em https://wwwsimprosp.org.br/arquivos/novoa/livreto_novoa.pdf. Acesso em 22/02/2022.

OLIVEIRA, Gisele. Matos. O Sistema de Normas e a Evolução Demolinguística da Língua Portuguesa. In: ALVARES, M. L. O.; GONÇALVES, (orgs.). **O Mundo do português e o português no Mundo afora: especificidade, implicações e ações**. Campinas, SP: Pontes, 2016, p. 45-70.

PINTO, Almeida. Ariana; Carvalho, Gislene. Lima. **Alfabetização e letramento em língua portuguesa em Guiné-Bissau: uma análise de livro didático de 1º e 3º serie/ classe**. 2018. Disponível em <http://www.epositorio.unilab.edu.br8080/jspui/bitstream/123456789/1615/1/ARIANA%DE%ALMEIDA%PINTO%TCC.PDF>. Acesso 22/02/2022.

SCHOFFEN, Juliana. Rodrigues [et al]-Português como língua adicional: **reflexões para a prática docente**. Porto Alegre: Bem Brasil, 2012.

ROCHA, Claudia Hilsdorf; BRAGA, Denise Bértoli; CALDAS, R. R. **Políticas linguísticas, ensino de línguas e formação docente: desafios em tempos de globalização e internacionalização**. Campinas: Pontes, 2015.

SAMBU, Maimuna. **Análise do manual didático " Periquito Beta" da Guiné-Bissau: uma reflexão na perspectiva de Português Língua Segunda**. 75- 2017. Tese de Doutorado. Programa de pós graduação em ciências sociais e humanas, Universidade de Lisboa.

SCANTAMBURLO, Luigi. **O Léxico do crioulo guineense e as suas relações com o português: ensino bilingue português-crioulo guineense**. 2013.

SELLAN, Aparecida. Regina. Borges. Língua e cultura no ensino-aprendizagem do português Brasileiro. In: GIL, B. D; AMADO, R.S (orgs.). **Reflexões sobre o ensino de português para falantes de outras línguas**. São Paulo: Paulistana, 2012, p. 27-32.

UETI, Luhema. Santos. O gênero carta de pedido de conselhos nos LDs de PFOL. In: GIL, B. D; AMADO, R. S. (orgs.). **Reflexões sobre o ensino de português para falantes de outras línguas**. São Paulo: Paulistana, p. 13-20. 2012.

